

## Resenhas

CAPALBO, Creusa, *A Filosofia de Maurice Merleau-Ponty Historicidade e Ontologia*. Londrina: Ed. Humanidade, 2004.

O estudo feito por Creusa Capalbo, doutora em filosofia e professora da UFRJ, aborda a análise que M. Ponty faz da questão da historicidade presente na discussão do Ser humano e da Ontologia do Ser Bruto ou Selvagem; tal percurso vem elucidar os meandros da Fenomenologia da Percepção a alunos, ou extasiar os amantes da Filosofia, cujo caminho percorrido torna compreensível a noção de dialética presente na obra.

Para tanto, Capalbo divide o livro *A Filosofia de Maurice Merleau-Ponty Historicidade e Ontologia* em quatro partes, a saber: Parte I – Análise de M.M. Ponty sobre a Fenomenologia de E. Husserl; Parte II – Ser do Homem e Historicidade Vertical; Parte III – Historicidade e Ontologia; Parte IV- Confronto da Noção de Historicidade em M. Ponty com alguns Autores Contemporâneos. Para uma melhor compreensão e análise dos títulos citados, Capalbo subdivide as partes em capítulos, contemplando vinte capítulos, sendo assim distribuídos: três capítulos para a primeira e segunda partes, oito capítulos para a terceira parte, e seis capítulos para a quarta parte e; para finalizar, a autora pondera o percurso da sua obra.

O livro entreabre-se com a análise feita por Merleau-Ponty da fenomenologia de Husserl, cujo autor aborda e condiciona sua leitura sob a perspectiva dialética, para compreensão de que os contrários não sofrerão o efeito de uma síntese qualquer, mas serão

mantidos em tensão; logo, há tensão entre atividade e passividade, entre linguagem e silêncio, entre visível e invisível.

Merleau-Ponty coloca em questão o princípio dos princípios da fenomenologia de Husserl: a doação evidente da coisa à consciência, visto que para ele não se pode levar em consideração os dados da ontologia do sensível que nos mostram um tipo de experiência que releva da Carne do Ser Bruto, mesmo porque poder-se-ia afirmar que não há mundo sem um ser no mundo? Ponty esclarece não que o mundo é constituído pela consciência, mas, ao contrário, que a consciência sempre se encontra já operando no mundo.

Por isto mesmo que o autor aprofunda a interrogação sobre a percepção originária e encontra então a Carne do Mundo, isto é, o Ser-Visto, o Sensível, que não se confunde com o Ser Sentindo.

Segundo Husserl, o acesso à ciência pressupõe a experiência originária da percepção, mas é pela livre variação imaginária - que faz variar em pensamento a experiência para isolar um invariante - que se pode aceder à essência do fenômeno descrito; contudo Ponty discorda, pois reserva à imaginação e à filosofia a possibilidade de realizar a variação eidética.

Merleau-Ponty indica a possibilidade de uma nova compreensão da variação eidética: a essência que ela nos oferece é a estrutura visível do ser que possui uma dimensão de sentido invisível. Ele afirma que a variação eidética não nos fornece o acesso a uma essência concebida como um possível lógico; ela nos dá uma invariante estrutural, um ser de intra-

estrutura. Por isto, Merleu-Ponty diz que era preciso conduzir os resultados da Fenomenologia da Percepção à explicitação ontológica do Ser Bruto ou Selvagem. Trata-se de interrogar a estrutura do Ser Selvagem, e de compreender que a estrutura do Ser, é, ao mesmo tempo, visível e invisível.

O pensamento filosófico sobre o Ser Selvagem é aquele que se volta para o englobante originário, que não separa ainda razão e sensibilidade, homem e mundo, corpo fenomenal e corpo objetivo, vidente e visível, pensamento e ser, eu e o outro; tais termos são contrários, mas unidos em tensão sem que por isto sejam identificados. Esta união ou textura é dita de entrelaçamento.

Será pela Historicidade Vertical que explicitar-se-á a questão da passagem de uma filosofia da *Erlebnis* (do vivido) para uma filosofia do Ser Selvagem, na qual a noção de *Urstiftung* (instituição original) é central. Para tanto, a fenomenologia dialética é a única que será capaz de descrever e explicitar a estrutura do Ser Bruto, através das noções fundamentais de reversibilidade e enlaçamento.

Para Merleau-Ponty há dois aspectos diferentes da dialética: dialética do vivido, onde a diferença entre reflexão e irrefletido não foi ainda instaurada; dialética do conhecimento, na qual vemos a gênese caminhar, no tempo e no espaço, em direção ao universal, possibilitando o surgir do sentido instituído e fazendo-o inscrever-se na história. Há relação de instituição entre estes dois aspectos da dialética, a saber, entre o instituinte e o termo instituído; este se dá como uma explicitação daquele sem absorvê-lo totalmente. A instituição é a tensão dialética entre o instituinte e o instituído. Ela só é compreendida no movimento circular de um para o outro que torna possível o estabelecimento do equilíbrio da instituição, isto é, do princípio da unificação e da separação.

Por isto mesmo, a história pessoal carrega consigo a dialética do eu anônimo e do eu pessoal; estes dois níveis não são considerados isoladamente;

é no cruzamento deles que a história pessoal, por suas obras, por seu sentido impresso no mundo, torna-se história universal e significativa. Esta história não destrói o anônimo nem o pessoal - ela é a emergência do sentido no momento dialético de sua invasão.

Na segunda parte intitulada *Ser do Homem e Historicidade Vertical*, Ponty afirma que está em nós o circuito que se faz entre a vida da latência e a vida da manifestação; e a este movimento unitário da existência humana que designou ambigüidade.

A ambigüidade não é outra coisa que a apreensão da existência como passiva-ativa. A passividade não se isola da atividade, no movimento unitário da existência eles se encontram entrelaçadas. Estes laços são laços de tensão que unem e se aproximam ou que repelem e se afastam.

A relação entre visível e invisível é uma relação existente entre a superfície e a profundidade: elas estão presas uma à outra, no entanto sem se tornarem idênticas. As relações entre elas são circulares, pois o movimento de sair de si e o entrar em si são respectivamente: princípio de separação e princípio de unificação.

O Eu se torna advento e sua história é a do movimento do retorno a si para instituir sua identidade, entretanto o sujeito da percepção não é o sujeito que se conhece na sua identidade pessoal, pois a percepção está sempre no modo do si anônimo.

Na verdade não há primeiro um si natural, uma vida de generalidade e anonimato, e depois um Eu, uma existência em primeira pessoa; é o Eu quem descobre em si o si como dimensão do seu próprio ser. O sujeito que pensa descobre que ele emerge do irrefletido que continua a envolvê-lo em seu exercício.

Como resolver o paradoxo segundo o qual do anonimato, ou o ser enquanto campo impessoal surge o Eu pessoal? M. Ponty indica a solução: é preciso pensar o logos como o estudo da linguagem que o homem tem.

Pela relação dialética entre palavra falante e palavra falada é que se explica a articulação entre as estruturas lingüísticas e o enraizamento corporal da linguagem. Por isso, o Cogito é considerado como consciência, e esta em certa medida deve ser transparente a si mesma: assim, se posso conceber o Cogito é porque ele se tornou expressão falada, pensamento adquirido, figurado no horizonte histórico.

No entanto, a atividade da consciência se origina numa passividade de camadas sedimentadas da existência pré-pessoal, onde, abaixo da intencionalidade tematizada, a intencionalidade operante originária já está em obra, ou seja, esta intencionalidade operante, que sustenta a intencionalidade, é chamada de Cógito tácito. Esse permitiu a M. Ponty descobrir o fundamento da linguagem, isto é, o mundo do silêncio, o corpo próprio, o sentido bruto, o logos selvagem; entretanto, o que permite a compreensão do Cogito falante é a relação entre visível e invisível.

Ponty retoma o conceito de synopsis para se referir ao modo de ser no mundo; logo, a synopsis indica que se está no ser, ela supõe que já esteja no mundo e no ser, sob a condição, porém, de que compreendamos o ser como Ser Vertical ou Ser Selvagem polimorfo.

A historicidade do ser humano possui, como característica principal, o fato de que passado e futuro são igualmente ativos no presente; de modo que para compreender o homem, é preciso levar em consideração todo o seu passado e o seu futuro possível, pois a relação entre passado e presente não se determina antecipadamente, mas também não se perde para o presente. A diferença entre o passado e o presente não se apaga, mas é, ao contrário, conservada e ultrapassada no presente atual.

A história se torna, portanto, uma poemática geral da ação coletiva. Ela é uma execução que tende ao anonimato, embora cada um de seus atos seja o ato de alguém. Neste sentido é que se pode

compreender a análise da história em estado nascente da história concreta, e não apenas em seus modos de produção ou de expressão na diversidade de suas formas. Os acontecimentos históricos se confundem uns nos outros e à medida que um acontecimento novo se produz, ele faz emergir uma pluralidade simultânea de significados. É por isto que M. Ponty diz que a história vertical é uma obra de arte: ela é um objeto que pode suscitar mais pensamentos do que aqueles que nela estão contidos.

Em *Historicidade e Ontologia*, situada na terceira parte, Capalbo mostra que a *Urstiftung* é o colocar-se em operação do ser Bruto, e que a instituição originária é a de um há. Elucida que *Urstiftung* é caminho de abertura, trabalho para abrir, produção sempre nova. A produção originária do Ser Selvagem a partir de si mesma é a historicidade vertical ou historicidade originária. O Ser Bruto existe por Ser produtividade, criatividade, instituinte de instituições tais como o mundo e o ser no mundo.

Capalbo salienta que é necessário questionar: Qual é a força ontológica que impulsiona o Ser para a presença, ou ainda, que o faz vir à presença, força em virtude da qual ele se faz presente através do mundo e do ser no mundo? E responde que será pela *Urstiftung* que se compreenderá este fazer vir em presença e a presença. Explicita que ela é produção ativa que consiste em fazer vir o Ser em seu aparecer. Por conseguinte, o Ser abre seu caminho no meio da massa em si ou de uma passividade fundamental, no seu vir à presença pela força de seu fazer; ele conduz, portanto, ao aberto.

Dando continuidade ao seu pensar, novamente indaga: Se o Ser Bruto é força instituinte que impulsiona o ser para a presença, o ser seria então uma coisa no mundo? Responde e esclarece: De modo algum. O Ser se faz presente através do mundo, mas não é de modo algum uma coisa. O seu vir em presença se caracteriza pelo fluxo de determinação que torna possível o visível. Isto nos indica que o Ser não é um

ente nem um Ser fora do ente, mas que há o Ser, que há o mundo, que há alguma coisa.

Afirma M. Ponty que o retorno ao Ser Selvagem não significa a volta ao primitivo, e sim a volta para o Ser polimorfo ou amorfo. Ele não separa ainda sensibilidade e razão.

O Ser Bruto é surgimento imotivado, e por isto não se deve legitimar a questão: por quê há o Ser Bruto? Ele é sem porquê, ele não tem causa fora de si e nem ele é causa em si, pois ele é sem fundamento. Entretanto, Capalbo pondera que nós dizemos que o Ser Bruto é instituinte e que é neste sentido que se deve entender sua historicidade vertical, e questiona: Como se deve então compreender esta produção do Ser Bruto?

Apointa que, neste caso, o surgimento imotivado do Ser Bruto funda uma história do Ser, e os acontecimentos daí decorrentes são as vindas do Ser, ou o advento do Ser. Desta forma é que se deve entender a expressão: o mundo é vindo do Ser ou o há, surgindo do poliformismo do Ser.

Finalmente, na quarta parte, há o Confronto da Noção de Historicidade em M. Ponty com alguns Autores Contemporâneos, cujos pontos convergentes ou divergentes são elencados por Capalbo.

Quanto a Hegel e Husserl encontramos uma investigação sobre a lógica na história, assim como um desconhecimento da contingência dos fatos. As concepções causal e teleológica da história revelam duas atitudes da filosofia que se afastam da história concreta.

A concepção marxista da história afirma que é essencial considerar o homem como sujeito concreto e ativo no processo histórico. Esta idéia será reincorporada à filosofia de M. Ponty e se transforma na questão da elucidação do ser do homem através de suas possibilidades objetivas de instituição de si mesmo e de instituição da história.

Sartre quer compreender como é possível que a história, seja por um lado, produto da liberdade e da práxis humana e, por outro lado, que ela seja capaz de voltar-se contra o homem, transformando-o em objeto do processo histórico; entretanto, o que M. Ponty não aceita na concepção sartreana da história, é a idéia de que para buscar o fundamento ontológico e fazer a crítica ao materialismo histórico, seja necessário, como Sartre o faz, examinar as condições formais de possibilidade da dialética da história em detrimento do devenir da história concreta.

Para Jaspers a ciência não pode auxiliar em nada a filosofia, pois é esta, ao contrário, que deve decifrar o sentido e o fundamento das ciências. M. Ponty concorda com Jaspers para afirmar que a ciência histórica trabalha sobre o percebido sob o ângulo da objetivização; entretanto ele se afasta de Jaspers quando afirma que a ciência histórica explicita a face objetiva da percepção histórica e que neste sentido ela explicita uma face ou um aspecto verdadeiro do real.

Para Heidegger, a história é como acontecimentos sucessivos, portanto, é de natureza ôntica e não ontológica. Já para Ponty é diferente, pois ele não abandona, em nenhum momento, a sua concepção existencial da história, segundo a qual os campos do Ser Selvagem, do Ser do homem e do Ser da história entrecruzam-se uns aos outros.

Após confrontar as idéias de cada autor em relação à M. Ponty, Capalbo pondera que a historicidade vertical é o aprofundamento da tese maior da fenomenologia de M. Ponty: o primado da percepção. Insistindo sobre caráter instituinte da historicidade, ele assinala que por esta encontramos a espontaneidade cumulativa e sedimentação ativa. A força desta noção está no fato de que por ela nos acercamos do processo dialético, no qual a noção de reversibilidade ocupa um lugar central.

A autora analisa o posicionamento de M. Ponty quanto à sua recusa em colocar a questão do

por quê, ou seja, onde está sedimentado todo o pensamento filosófico do autor: isto pode ser interpretado como o reconhecimento do fato de que não é o homem, em sua estrutura existencial, que coloca ou determina todas as questões. Há questões que partem do homem, mas há outras que são propostas a ele pela presença do Ser, pela existência da natureza ou pela existência em geral. Não se deve confundir os dois planos. A questão: por que há o Ser Bruto? é uma questão que, em virtude da própria existência do Ser, propõe-se e interpela o homem.

Pensar a finitude da existência e que não há justificativas para algo que acontece não significa que é uma questão sem sentido, pois a leitura dessa obra se atém à procura do sentido do sujeito no mundo, que só é possível pela descrição de suas experiências, ou seja, a articulação com a existência concreta, cujos atos ou ações são voltados à percepção do seu próprio corpo, no entanto essa caminhada só é possível mediante entender o Ser, como salienta Capalbo, em sua historicidade vertical.

O homem está no mundo e é no mundo que ele se conhece a si e aos outros, elucida a autora que é justamente aí que acontece a relação dialética: intencionalidade e intersubjetividade, onde surge a emergência do sentido, que se faz no reencontro do pensamento com a historicidade vertical.

Dessa forma, o sentido de tudo que existe só é explicitado através dessa coexistência, porém desvela a autora que o pensamento que pensa o Ser e o seu sentido nada mais é do que uma resultante do pensar, pois o pensamento é o logos do próprio Ser; ou seja, a compreensão da visibilidade, isto é, a carne do corpo se metamorfoseia em carne de linguagem, e que as idéias são o lado invisível desta visibilidade.

Angélica de Fátima Colombini  
(Graduação em Filosofia - PUC-Campinas)  
Bolsista de Iniciação Científica - PiBiQ/CNPq